

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

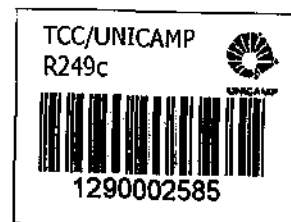
**“A CRIATIVIDADE NAS COREOGRAFIAS
DE GINÁSTICA GERAL”**

Gabriela Laky Redondo

Orientadora
Profª Dra. Elizabeth Paoliello

CAMPINAS
2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



**“A CRIATIVIDADE NAS COREOGRAFIAS
DE GINÁSTICA GERAL”**

Monografia a ser apresentada como
requisito parcial para obtenção do título
de licenciada em Educação Física pela
Universidade Estadual de Campinas- 2004,
sob a orientação da Profª Dra. Elizabeth Paoliello.

CAMPINAS
JUNHO
2004

Finalmente, após seis bacaníssimos anos de faculdade e nenhuma D.P.
(por enquanto), termino a minha primeira modalidade, licenciatura!

Quero dedicar aos professores que influenciaram minha vida profissional e pessoal,
a todos meus amigos, da FEF (especialmente 99D e 99N) e de fora dela,
ao time de futsal feminino (valeu pelas contusões), ao pessoal que sempre
tirou sarro da minha língua “pgesa” antes da Nova Schin.

Ao GGU, por ser um espaço ginástico e também de grandes discussões
e crescimento humano, aos meus amigos especiais que foram pra
Dinamarca comigo, às pessoas que possibilitaram essa viagem,
e a todas as pessoas especiais na minha vida.

E finalmente à minha família que me agüentou na graduação por seis
longos anos e o meu namorado Dani (Zeitona), que eu adoro e
que me ajudou demais a formatar essa monografia!

RESUMO

O homem utiliza o processo mental criativo como um meio de resolução de problemas de maneira inovadora. Autores citados neste trabalho indicam que a criatividade é uma característica quantitativa e não qualitativa, comprometendo uma responsabilidade da sociedade em estimular e desenvolver todo o potencial criativo do indivíduo.

A criatividade é parte essencial nas coreografias de Ginástica Geral (GG) na concepção do Grupo Ginástico Unicamp (GGU). Considerando a GG como uma atividade de alto valor comunitário devido suas características inclusivas e valorizadoras da individualidade, a criatividade que permeia a GG deve ser reconhecida como um valioso elemento para formação pessoal do participante.

O Grupo Ginástico Unicamp, por ser muito vinculado à pesquisas acadêmicas como iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, é uma referência na área, e faz a divulgação da sua metodologia através de apresentações em festivais e eventos nacionais e internacionais.

O objetivo do trabalho é mostrar a criatividade como parte fundamental da metodologia de ensino do Grupo Ginástico Unicamp e de que maneira ela aparece nas coreografias deste grupo. A justificativa deste trabalho vem do fato de eu ser integrante do GGU e, portanto, de ter acompanhado o processo de criação coreográfica em vários momentos, tentando assim fundamentar este processo.

A metodologia do trabalho se compôs de revisão bibliográfica sobre a Criatividade, GG e GGU, análise de vídeos das coreografias do Grupo para verificação das características da GG estimuladas pela metodologia de trabalho do mesmo; e finalmente estabelecimento da relação entre criatividade e as coreografias de GG do GGU.

Conclui-se que, na visão do Grupo Ginástico Unicamp, a criatividade na GG é percebida como uma forma de manifestação, pois os participantes fazem uso dela para desvelar suas expectativas quanto à coreografia, demonstrando que a ginástica não é vivenciada somente por pessoas com alto nível técnico, mas também por indivíduos criativos e felizes por praticar uma atividade que tem o prazer como principal objetivo..

Neste contexto, a GG é uma prática interessante para ser aplicada no contexto comunitário e escolar, propiciando aos participantes a possibilidade de manifestação da cultura corporal de maneira lúdica, compreensiva e inclusiva.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	7
II. JUSTIFICATIVA.....	8
III. OBJETIVOS	9
IV. A CRIATIVIDADE.....	10
2. TEORIAS DA CRIATIVIDADE.....	11
3. A PESSOA CRIATIVA	13
4. O PROCESSO CRIATIVO.....	15
5. INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS E CULTURAIS.....	16
6. O PRODUTO CRIATIVO	17
V. A GINÁSTICA GERAL.....	19
1. CONCEPÇÕES	19
2. CARACTERÍSTICAS.....	20
VI. O GRUPO GINÁSTICO UNICAMP – GGU.....	23
1. INTRODUÇÃO.....	23
2. HISTÓRICO.....	23
3. A PROPOSTA DE GINÁSTICA GERAL DO GGU	23
4. METODOLOGIA DO GRUPO GINÁSTICO UNICAMP.....	24
5. O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA.....	25
VII. METODOLOGIA DA PESQUISA	28
1. METODOLOGIA	28
2. ANÁLISE DE COREOGRAFIAS DO GGU	28
VIII. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	30
1. “NA BATIDA DO MARACATU”	31
2. “TÚNEL”	32
3. “GIRAMUNDO”.....	33
4. “ÁGUAS”	34
5. “PLANO”	35
IX. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
X. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	37

Índice de figuras

Figura 1 - Logotipo do Grupo Ginástico Unicamp.....	23
Tabela 1 - Características presentes nas coreografias.....	30
Figura 2 - Grupo Ginástico Unicamp – Na Batida do Maracatu.....	31
Figura 3 - Grupo Ginástico Unicamp- Túnel	32
Figura 4 - Grupo Ginástico Unicamp – Giramundo	33
Figura 5 - Grupo Ginástico Unicamp - Águas.....	34
Figura 6 - Grupo Ginástico Unicamp- Plano.....	35

Todas as fotos contidas neste trabalho são de arquivo pessoal.

I. INTRODUÇÃO

A criatividade, que será apresentada no capítulo IV, pode ser dividida em quatro estágios (pessoa criativa, processo criativo, influências ambientais e culturais e produto criativo), e está presente nas mais diversas situações vividas pelo homem: na infância, ao criar jogos, brincadeiras e movimentos; na escola, quando da descoberta de maneiras não-convencionais para solução de problemas; na vida profissional, ao apresentar um projeto em seu ambiente de trabalho; nos esportes, com movimentos espetaculares e inesperados que garantem a magia do momento, e em muitas outras situações.

No esporte, a criatividade aparece em diferentes situações. Na Ginástica Geral, pela concepção do Grupo Ginástico Unicamp estudada no capítulo V, acontecem incontáveis momentos de criatividade, impulsionados pelas características dessa atividade, como a ausência de competição, o número ilimitado de participantes, a abrangência de todas as faixas etárias, a inclusão de pessoas com qualquer nível técnico, a utilização ou não de quaisquer materiais, sejam eles oficiais da ginástica ou alternativos, e a possibilidade da presença de outras formas de manifestação da cultura corporal, como a dança, o folclore, o circo, entre outras características.

O Grupo Ginástico Unicamp preza a valorização de momentos criativos como parte de sua estrutura metodológica. No capítulo VI, VII e VIII, a proposta do GGU será apresentada e o processo de composição coreográfica, que se baseia em fases de exploração de possibilidades dos materiais, analisado.

Tendo como objetivo apresentar a filosofia e metodologia de trabalho do GGU como veículo de incentivo à criatividade, este trabalho terá como metodologia a revisão e análise bibliográfica sobre Criatividade, Ginástica Geral e Grupo Ginástico Unicamp e posteriormente verificação de elementos criativos em coreografias do GGU através de vídeos.

II. JUSTIFICATIVA

A vontade de escrever uma monografia de final de curso sobre a criatividade nas coreografias de Ginástica Geral nasceu da minha participação e observação na criação das mesmas, como integrante do Grupo Ginástico Unicamp (GGU). O GGU adota uma filosofia que tem como princípio pedagógico a inclusão. Durante os treinos do GGU, quando montamos uma nova composição coreográfica, exploramos todas as possibilidades do material a ser utilizado (se há) e somente depois criamos a coreografia em si, com o número de participantes estipulado para a mesma. Assim, a cooperação entre os integrantes do grupo é estimulada, pois todos colaboram com idéias e sugestões sobre posições, formações e movimentos. Tendo o processo criativo como parte da metodologia de trabalho, o GGU estimula seus integrantes a estarem sempre buscando soluções originais para quaisquer problemas que venham a enfrentar, durante sua vida acadêmica, profissional ou pessoal.

Sendo atividade não competitiva, a GG é uma alternativa à outros esportes que exigem certo rendimento ou habilidade, consequentemente excluindo pessoas. Sabemos que em ambientes de educação formal (escolas públicas ou particulares), vários professores continuam transformando a aula de Educação Física num momento de treinamento dos melhores “atletas-alunos” para a participação em campeonatos, numa metodologia clara de exclusão pelo rendimento, inviabilizando o mesmo patamar de desenvolvimento para todos os alunos, visto que, normalmente, os que não fazem parte dos “times” costumam receber menos atenção do professor. Na educação não-formal (clubes, associações, ongs etc.) e informal (praças de esporte), a GG possibilita, particularmente, a participação de pessoas de diversas classes sociais, faixas etárias, repertórios motores e personalidades. Considero então que, juntamente com a conscientização do profissional de Educação Física, a GG é uma prática recomendável no ambiente escolar e em outros ambientes como praças públicas, projetos sociais etc, valorizando conceitos como inclusão (integração social), respeito, cooperação, e também a criatividade, foco deste trabalho.

III. OBJETIVOS

Mostrar a criatividade como parte fundamental da metodologia de ensino e trabalho do Grupo Ginástico Unicamp, o qual possui uma proposta de GG inclusiva e possível para diversos ambientes, e como seu incentivo manifestado através de algumas características da Ginástica Geral, aparece nas coreografias deste grupo, possibilitando assim que cada leitor faça a sua leitura e conseqüente adaptação para aplicar a GG em seu ambiente de trabalho.

IV. A CRIATIVIDADE

1. INTRODUÇÃO

O homem utiliza o processo mental criativo como um meio de resolução de problemas e tarefas de maneira inovadora. Numa sociedade competitiva como a contemporânea, valer-se da criatividade pode significar um destaque profissional, pessoal ou até mesmo a sobrevivência.

A criatividade deve ser compreendida de modo não-linear, e está dividida em quatro categorias, segundo Kneller(1978):

- Pessoa criadora: temperamento, atitudes e características;
- Processo criador: preparação, incubação, iluminação e verificação;
- Influência ambiental e cultural: elementos facilitadores e inibidores;
- Produto criado: teorias, invenções, arte e espetáculos.

Para Kneller(1978, p.15), o estudo da criatividade inclui alguns itens relevantes, que serão relacionados à Ginástica Geral e às experiências vividas no Grupo Ginástico Unicamp.

1.1 Criatividade e Novidade:

A criatividade inclui a novidade. Kneller (1978) considera que um ato pode ser considerado criativo quando uma pessoa descobre por si mesma algo inteiramente novo para ela. No entanto, o impacto dessa descoberta na sociedade será nulo se ela já fizer parte da história. No caso da Ginástica Geral, isto acontece com razoável frequência, pois nesta modalidade é possível utilizar um objeto comum ao cotidiano de muitas pessoas de uma maneira inesperada e criativa, num processo chamado de exploração de materiais.

1.2 Novidade Relevante:

Remanejamento do conhecimento existente. Num ato criador, a relevância da novidade é importante. Para Kneller (1978, p.18), “(...)um ato ou uma idéia é criador não apenas por ser novo, mas também porque consegue algo adequado a uma dada situação”. Este item pode ser observado na Ginástica Geral no momento da seleção das idéias mais adequadas ao problema, após a exploração das mesmas.

1.3 Criatividade e Inteligência:

Pessoas que apresentam soluções convencionais para um problema proposto podem ser inteligentes, mas não necessariamente criativas. Segundo Kneller (1978, p.22),

“...inteligência(...) é essencialmente a capacidade de conceituar e explorar abstrações com facilidade. É característico da inteligência produzir uma série de idéias com acelerada velocidade. A criatividade(...)é o poder de reconhecer idéias novas ou originais, assim como explorá-las até os seus limites.”.

É possível constatar esta diferença na Ginástica Geral, pois, sendo uma modalidade sem regras rígidas de composição, permite a criação de coreografias de inúmeras maneiras, desde a mais singela até aquela com elementos inéditos.

1.4 Criatividade e Solução de Problemas:

Para a psicologia, a criatividade é um meio especial de solução de problemas. Já para a psicanálise, o pensamento criador é maior que a solução de problemas. Para Kneller (1978), a criatividade é um fenômeno autônomo; por isso, ele questiona se toda criatividade é solução de problema. No caso da Ginástica Geral, a concepção de Kneller é a mais adequada, pois uma idéia criativa não é necessariamente a solução de um problema. Pode, por exemplo, fazer parte do processo de exploração de materiais, citado anteriormente.

Ao relacionar estes itens à Ginástica Geral, é possível perceber a variação que esta pode sofrer em suas características como sendo mínima, pois estes fatores não influenciam diretamente nos processos de composição coreográfica, ao considerarmos que o trabalho grupal, a cooperação entre os indivíduos vem justamente preencher esta lacuna.

2. TEORIAS DA CRIATIVIDADE

A criatividade tem diversas teorias e a partir da análise das mesmas, pode-se adotar uma delas como eixo. As mais importantes teorias da criatividade, segundo Wechsler (1993) e Kneller (1978) são:

2.1 Filosóficas:

A criatividade é tratada como um fenômeno desvinculado da vontade humana, não podendo ser explicada cientificamente.

- Criatividade como inspiração divina: há reconhecimento do inconsciente e do sobrenatural. O artista é inspirado por divino.
- Criatividade como loucura: um acesso de loucura origina a espontaneidade que leva à criatividade.

2.2 Biológicas:

Consideram o aspecto biológico como único responsável pela criatividade no homem. Segundo essa corrente, a teoria de Darwin, a hereditariedade e o cérebro humano são os únicos caminhos que podem levar à criatividade.

- Criatividade como força vital: resquícios da teoria da evolução de Darwin. Considera a natureza, e conseqüentemente o homem, criativos porque isso faz parte do processo evolutivo, do processo natural da vida. Kneller(1978) cita Sinnöt¹ como defensor dessa teoria, que afirma que a criatividade se auto-organiza no homem, não precisando de agentes facilitadores ou inibidores. Segundo Kneller(1978), “o animal se organiza seguindo as regras biológicas e o homem seguindo padrões criados por ele mesmo”, sendo estes padrões nada mais que a criatividade.

- Criatividade como gênio intuitivo: é uma forma de intuição. Não pode fazer parte do processo educacional por sua impossibilidade de ser ensinada.

- Criatividade como força cósmica: A criatividade é inerente ao universo, e ocorre de maneira cíclica, segundo Whitehead² citado por Kneller(1978). Ela acontece de duas

¹ Sinnöt, E.W. “The creativeness of lives”. in H.H.Anderson, *Creativity and its Cultivation*. New York: Harper & Row, 1959.

² Whitehead, A.N. *Process and reality*. New York: Macmillan, 1929.

formas: “A criatividade, pois, não apenas mantém o que já existe, mas também produz formas completamente novas”(Kneller, 1978, p.37). Ou seja, ela recicla os antigos e cria novos elementos.

2.3 Psicológicas:

Ressaltam a importância da mente e suas conexões para o surgimento da criatividade.

- Associacionismo: surgiu no séc. XVII, na Inglaterra. Representa a ligação entre as idéias e sensações, associando corpo e mente.

- Comportamental: desenvolvida por Skinner(1979), esta teoria defende que a criatividade ocorre através da relação estímulo-resposta, ou seja, o momento criativo ocorre após o recebimento do reforço(estímulo).

- Gestalt: a teoria gestaltista surgiu considerando a criatividade como a procura de uma solução para um problema ou para uma deficiência. Segundo Wertheimer³, citado por Wechsler(1993), “o processo não consiste em adicionar ou associar formas ou informações, mas sim em compreender a visão do todo.” O ápice do momento criativo ocorre de maneira súbita, não relacionado à associação de idéias ou a tentativa e erro.

2.4 Psicanalíticas:

Necessitam de um conhecimento prévio dos termos para sua compreensão. A criatividade ocorre no inconsciente e pré-consciente.

- Psicanálise Freudiana: o processo criativo tem origem no inconsciente. O produto criativo é um meio de expressão, sem o qual os conflitos interiores se manifestam na forma de neuroses.

- Psicanálise Jungniana: na teoria da psicanálise jungniana, é necessário um esforço físico para que a criatividade aflore, portanto esta não depende única e exclusivamente do inconsciente. O ato criativo não pode ser explicado, pois as lembranças do inconsciente são o principal combustível da criatividade, segundo Woodman⁴ lembrado por Wechsler(1993).

- Neopsicanálise: considera o pré-consciente a fonte principal da criatividade, ao invés do inconsciente. Assim, o criador, após um momento de relaxamento(de predomínio do subconsciente), organizará de maneira racional as idéias oriundas do pré-consciente, resultando no produto final. Otto Rank⁵, citado por Weschler(1993) foi quem conceituou os três tipos de personalidade em relação ao desenvolvimento humano: o tipo adaptado (homem que aceita as regras impostas pela sociedade), o tipo criativo (que contesta as normas da sociedade e se expressa através de produtos criativos) e o tipo neurótico (homem em conflito, perdido em seus problemas).

2.5 Humanista:

O homem e sua relação com o mundo. É este o ponto de partida desta teoria, que considera o bem-estar e a possibilidade de realização do indivíduo como primordiais para o surgimento da criatividade, que é vista como meio de manutenção da saúde mental e auto-realização. Para May(1975), a criatividade é um encontro do indivíduo com uma idéia significativa. Já Rogers((1977), caracteriza a pessoa criativa como tolerante, maleável

³ Wertheimer, M. *Productive thinking*. New York, Harpert Row, 1959.

⁴ Woodman, R.W. “Creativity as a construct in personality theory”. in *Journal of Creative Behavior*, 15(1):43-66, 1981.

⁵ Rank, O. “Art and artist: creative urge and personality development”. in Mackinnon, D.W. *In search of human effectiveness*. New York: Creative Education Fondation, 1978.

comportamentalmente, confiante nos sentimentos e adaptável ao meio. Nesta teoria, a criatividade é fortemente influenciada por fatores externos inibidores e facilitadores.

2.6 Desenvolvimentistas:

Baseiam-se na idéia de que a criatividade resulta do desenvolvimento humano. A teoria desenvolvimentista valoriza as associações que ocorrem durante toda a vida do indivíduo. A cada associação, uma nova idéia pode ser formada, e a pessoa tem a possibilidade de se tornar gradualmente mais criativo. Para Piaget⁶, citado por Wechsler(1993), a criatividade une-se à inteligência.

2.7 Psicoeducacionais:

As duas teorias Psicoeducacionais partem do pressuposto de que a criatividade deve ser estimulada por meio de caminhos facilitadores do processo. As estruturas mentais e a organização racional do pensamento favorecem a resolução do problema, pois o mesmo já foi orientado quanto ao tipo de solução que deveria conter.

As teorias psicoeducacionais estão representadas por:

- Teoria cognitivista: criada pelo psicólogo J.P.Guilford⁷, citado por Wechsler(1993), esta teoria divide a mente em capacidades, que estão separadas em duas classes: a capacidade de memória e a capacidade de pensamento. Esta última está subdividida em três: capacidade cognitiva(reconhecimento de informação), produtiva(uso da informação) e avaliativa(julgamento da idéia gerada). A capacidade produtiva tem duas opções: o pensamento convergente (idéias convencionais) e o pensamento divergente (idéias criativas). A primeira opção (convergente) é escolhida quando o pensamento busca uma resposta convencional. A segunda (divergente) é selecionada quando o pensamento se move em várias direções à procura de uma resposta. O pensamento convergente implica numa única resposta correta, enquanto o divergente abrange diversas respostas plausíveis.

- Teoria educacional: Torrance⁸, segundo Wechsler(1993),

“(...) definiu a criatividade como o processo de: tornar-se sensível a falhas, deficiências na informação ou desarmonia; identificar as dificuldades ou os elementos faltantes; formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar essas hipóteses e, por último, comunicar os resultados encontrados.”

Sendo um grupo que preza pela participação e convivência prazerosa entre os indivíduos, o GGU, a meu ver, adota a linha humanista da criatividade, procurando o bem estar próprio e social do indivíduo.

3. A PESSOA CRIATIVA

As características de um indivíduo criativo tem sido muito estudadas pelos pesquisadores da criatividade. Através de observações de pessoas criativas, testes e análise dos produtos finais (objetivando chegar a um padrão de comportamento), as características do indivíduo criativo têm sido reconhecidas e estudadas para um melhor esclarecimento do assunto.

⁶ Piaget, J. *Play, dreams and imitation in childhood*. New York: Norton, 1962.

⁷ Guilford, J.P. *The nature of human intelligence*. New York: MacGraw Hill, 1967.

⁸ Torrance, E.P. *Rewarding creative behavior*. New Jersey: Prentice Hall, 1965.

É importante salientar que criatividade, inteligência e formação acadêmica não são sinônimos: são fatores independentes que podem se manifestar conjuntamente ou não. Na concepção de Ginástica Geral do GGU, a pessoa criativa está em constante exercício, pois todos os participantes do processo de composição coreográfica devem opinar sobre os caminhos a serem tomados para a realização da coreografia. Com essa atitude, o Grupo Ginástico Unicamp valoriza e estimula a criatividade individual e em grupo. As características das pessoas criativas, segundo as conclusões dos estudos feitos por Roe⁹, Barron¹⁰ e Mackinnon¹¹ segundo Wechsler (1993) e Kneller (1978) são:

3.1 Fluência e flexibilidade de idéias:

A fluência de idéias é a capacidade de produzir grande número de idéias. Criada por Osborn¹² segundo Wechsler(1993), esta técnica ficou conhecida como "Brainstorm", ou tempestade de idéias. Quanto mais idéias surgirem, maior a chance de escolha de uma solução apropriada.

3.2 Sensibilidade interna e externa:

A sensibilidade é essencial para que a criatividade seja trabalhada. Sensibilidade externa é aquela relacionada ao mundo, à sociedade e às relações cultivadas nela. Sensibilidade interna é da pessoa consigo; suas inter-relações. O interesse pelo problema a ser solucionado vai influenciar diretamente no produto criativo.

3.3 Fantasia e imaginação:

Para os estudiosos da criatividade, a fantasia é parte fundamental do processo criativo, pois é através dela que a realidade é esquecida por um período. Fantasiando, é possível que a pessoa possa imaginar uma situação parecida com aquela que está vivendo e chegue a uma solução para o problema que a incomoda.

3.4 Abertura a novas experiências:

O indivíduo criador deve ser também contestador da ordem vigente. Isto significa que ele não deve ser comodista, mas sim questionador, procurando sempre uma nova possibilidade para a solução de um problema.

3.5 Uso de analogias incomuns:

A reordenação de idéias é parte importante do processo criativo. O arranjo das idéias, feito de uma maneira inusitada e original, pode resultar numa resposta eficiente ao problema apresentado.

3.6 Idéias elaboradas:

As idéias que aparecem nos processos de iluminação podem estar incompletas. Normalmente, necessitam de uma organização e lapidação, para que possam ser avaliadas de maneira justa e imparcial.

⁹ Roe, A. "Psychological study of eminent psychologists and anthropologists and a comparison with biological and physical scientists". *Psychological Monograph*, 1953.

¹⁰ Barron, F. "The disposition toward originality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. 1955.

¹¹ Mackinnon, D.W. "The nature and nurture of creative talent". in Ripple, R. *Learning and human abilities. Educational Psychology*, New York: Harper and Low, 1964.

¹² Osborn, A.F. *Applied Imagination*. New York: Scribner's Sons, 1953.

3.7 Curiosidade:

A pessoa criativa deve ser curiosa a ponto de buscar diversas idéias novas para um problema, e não elaborar apenas uma solução, pois, caso esta idéia não dê certo, poderá contar com outras que já estarão previamente organizadas.

3.8 Humor:

Os estudos na área da criatividade têm verificado que, quanto mais bem-humoradas são as pessoas, mais elas tendem a ter idéias criativas e originais. A seriedade em excesso acaba podando a alegria das descobertas e torna monótona a tarefa de solucionar alguma questão.

3.9 Confiança:

Ao confiar em sua capacidade e no trabalho desenvolvido, o criador se empenhará mais em mostrá-lo eficaz, e também ajustá-lo no que for necessário, sem perder a credibilidade no projeto.

4. O PROCESSO CRIATIVO

As teorias contemporâneas da criatividade chegam a um consenso: a criatividade não brota subitamente, é necessário concentrar-se no tema. Neste momento tem início o processo criativo: o problema é analisado, as possibilidades de resposta são pensadas e julgadas, a melhor solução encontrada passa a responder o problema, e o produto final (pergunta+solução) é verificado quanto à sua eficácia. Segundo Kneller(1978, p.63), o processo criativo passa por cinco fases, explicadas a seguir.

Na Ginástica Geral, o processo criativo inclui vários fatores, como por exemplo, o material utilizado, o número de pessoas participantes da composição coreográfica, o tema da coreografia etc. Para exemplificar as fases do processo criativo, utilizarei a minha experiência como integrante do Grupo Ginástico Unicamp. No processo de montagem da coreografia “Águas”, as ginastas (se trata de uma coreografia feminina) participaram ativamente da criação, sendo que as fases do processo criativo em questão serão relatadas após a explicação das mesmas.

4.1 Apreensão:

Momento em que o indivíduo percebe que há algo a ser feito.

No caso do GGU, essa fase é quando há a necessidade de se pensar em uma nova coreografia, com um novo aparelho. Inicia-se o processo de escolha do mesmo, findando na fase de preparação.

4.2 Preparação:

Investigação e troca de idéias sobre o problema. Isso inclui pesquisar o histórico da questão, se outra pessoa já se deparou com o mesmo tipo de problema e a atitude tomada.

A idéia dos integrantes e coordenadores do GGU de fazer uma coreografia com galões de água (material utilizado) não era recente. Após a escolha do material, a exploração do mesmo foi realizada, com total liberdade de movimentos e utilização dos galões. Foram definidos o tema e o número de participantes da mesma.

4.3 Incubação:

Momento em que o problema é ignorado, para que o cansaço mental não atrapalhe a busca da solução. A saturação das idéias dissipa-se no período de incubação, favorecendo o surgimento de novidades. Nesse período nenhuma atenção consciente é dada ao problema.

No caso do GGU, o período de incubação alternou-se ao de iluminação. Como os treinos do grupo acontecem duas vezes por semana, é nesse intervalo de tempo que ocorre a incubação.

4.4 Iluminação:

O ápice do processo criativo surge repentinamente durante o estado de incubação. As condições que favorecem a iluminação variam de uma pessoa para outra, sendo, portanto impossível descrever um padrão de atitudes e ambientes para a solução do problema.

Já foi dito que a fase de iluminação do processo criativo da coreografia “Águas” alternou-se com a incubação. Após o horário do treino técnico e condicionamento físico, o período da iluminação se iniciava e durava até o final. Foi durante este período que a montagem da coreografia se concretizou, com a escolha dos movimentos com e sem o galão, das formações coreográficas (posição dos indivíduos na coreografia), do vestuário, da música etc.

4.5 Verificação:

Etapla final do processo criativo. Nesta fase o indivíduo vai organizar suas idéias e analisará a eficiência das mesmas para a solução do problema inicial. Nesta etapa, o produto final (problema+solução) será avaliado pela sociedade.

O Grupo Ginástico Unicamp exibe o resultado final do seu processo criativo em festivais de ginástica, congressos, apresentações em escolas etc. Um termômetro do trabalho feito por nós é a atitude dos espectadores. Através da reação do público após as apresentações (entusiasmo ou indiferença, por exemplo) podemos perceber o que deve ser melhorado e o que pode ser mantido na coreografia para as próximas performances.

5. INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS E CULTURAIS

O processo criativo pode sofrer a interferência de agentes externos, ou seja, ambientais e, portanto não sujeitos à vontade da pessoa criadora. Estas influências são inibidoras ou facilitadoras do processo criativo, e cabe à pessoa criativa a escolha da posição a ser tomada: reação ou passividade. No GGU, há uma atenção muito grande para que os elementos inibidores ocorram o menos possível, pois o estímulo à criatividade é muito forte e faz parte da metodologia de trabalho do grupo. Podemos perceber, porém, que estes inibidores se fazem cada vez mais presentes nos diversos tipos de vínculos e estruturas de nossa sociedade, como por exemplo, a escola. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que os ambientes de trabalho valorizam o pensamento divergente, a escola não incentiva o aluno para a criatividade. O lugar-comum é mais valorizado que a idéia criativa, sendo que esta normalmente só tem valor quando não surge nas disciplinas tradicionais, de sala de aula.

Os fatores inibidores da criatividade, segundo Taffarel (1985), são:

- **Interação deficiente entre indivíduo e o meio, preconceito** - a ausência de relação consistente entre o indivíduo e o meio gera desinformação, desinteresse e preconceito. A

sociedade prega o seguimento às teorias dominantes e aos seus padrões rígidos de pensamento e comportamento.

- **Medo do fracasso e falta de confiança** - a falta de confiança do criador, adicionada ao medo de fazer algo errado, gerando então a reprovação da sociedade, pode provocar um sentimento de permanente incompetência, que acabará destruindo qualquer iniciativa criadora no indivíduo.

- **Espaços físicos imutáveis e limitantes** - embora tão limitados na atualidade, os espaços físicos são determinantes para o estímulo ou inibição da criatividade. A ausência de estímulos (físicos ou materiais), que permitam diferentes descobertas táteis, visuais, sonoras, auditivas ou gustativas empobrece a descoberta e exploração do novo, minando a criatividade.

Os fatores facilitadores da criatividade, para Taffarel (1985), são:

- **Estímulo educacional** - a escola pode ser o melhor meio de incentivo à criatividade através da propagação do pensamento divergente e conflituoso. Taffarel (1985, p.11) diz que "O fundamental (...) é que se organize um contexto que dê aos alunos a possibilidade para que eles se aventurem, explorem, averiguem, expressem, descubram e provem por si mesmos, continuando a agir assim o resto da vida em um mundo de transformações."

- **Apoio às idéias criativas** - independentemente da área ou situação em que aconteça, a idéia criativa não deve ser desencorajada ou descartada. Pode ser que esta idéia não seja útil para o problema em questão, mas seja necessária para um outro conflito, portanto deve ser preservada para possível utilização posterior.

6. O PRODUTO CRIATIVO

Após o término do processo de criação, o produto criativo é analisado em cinco quesitos, segundo Mackinnon¹³ citado por Wechsler(1993). No caso da Ginástica Geral, as coreografias são os produtos. Para fazer a análise do produto coreográfico de acordo com os quesitos de Mackinnon, é válido lembrar que a sua adaptação à realidade deve valer no âmbito da Ginástica Geral, e não em relação à tradicional utilização do produto pela sociedade. Considerarei o produto-coreografia Águas¹⁴, do GGU, como exemplo em cada um desses quesitos, para que o entendimento desse processo na GG fique mais claro.

6.1 Originalidade:

Se o produto for criativo para seu inventor, mas já tiver participado outras vezes da sociedade, não será considerado original. No caso da GG pela concepção do GGU, a originalidade pode estar presente nos materiais, nas formações, na música e nos movimentos. Analisando o caso de "Águas", a originalidade está presente em praticamente toda a coreografia, a partir da escolha do material. Não se tem conhecimento de nenhum outro grupo de Ginástica Geral que tenha utilizado galões de água como instrumento. O grande momento de originalidade na Ginástica Geral é aquele em que a possibilidade do uso não convencional do material é descoberta, juntando-se mais tarde às formações e movimentos que passarão a fazer parte da coreografia.

¹³ Mackinnon, op. cit.

¹⁴ Águas: Coreografia criada pelo Grupo Ginástico Unicamp que utiliza galões de água como aparelho portátil.

6.2 Adaptação à realidade:

O produto deve ser original e útil para a sociedade. Se for concebido para a resolução de um problema, será valorizado. Do contrário, será considerado inútil. A utilidade de uma coreografia de GG pode ser verificada através das novas visões propostas por ela para reordenação de elementos saturados da sociedade. Uma coreografia que recicla a idéia do uso de determinado objeto pode fomentar essa reciclagem em outras situações. Na coreografia “Águas”, a utilização dos galões de água como apoio corporal, instrumentos sonoros, aparelhos portáteis para lançamento entre as ginastas além de outras coisas, funcionam como uma readaptação deste objeto à sociedade no âmbito da GG.

6.3 Apresentação:

Além de original e útil, o produto deve ser demonstrado em público, para que as pessoas se convençam de sua necessidade. As coreografias de Ginástica Geral normalmente são apresentadas para o público em festas populares, eventos escolares, além de festivais de Ginástica, para que a proposta inclusiva da GG seja divulgada.

6.4 Solução elegante:

Refere-se à parte estética do produto, seu acabamento e a fácil compreensão. Na Ginástica Geral a estética é fundamental, pois, não sendo uma atividade competitiva, o alto nível técnico dos elementos não é exigido. A criatividade e a estética passam a ser, portanto, na concepção do GGU, duas das mais importantes características dessa prática. A lapidação e o embelezamento da coreografia são analisados neste quesito.

6.5 Transformação de princípios antigos:

O produto final deve mudar os princípios até então vigentes em determinada área. No caso da GG, essa mudança de preceitos deve acontecer de maneira diferenciada, não substituindo o que já existe, mas adicionando-se à esses meios mais antigos, de modo que haja cada vez mais alternativas para a composição coreográfica.

Sintetizando os aspectos teóricos da criatividade, é possível compreendê-la como um processo científico que acontece após um período de estudo e reflexão sobre o tema abordado. Pesquisas de autores desta área mostram que a criatividade está relacionada a aspectos cognitivos, psicológicos e emocionais, e que o estímulo da mesma deve ser feito a partir da infância, com a manipulação de objetos variados e a vivência de situações que fujam do padrão, oferecendo à criança a possibilidade de escolha das ações.

Incoerentemente, a maioria das escolas, que deveriam ser responsáveis pelo estímulo maior à criatividade, inibe seus alunos criativos, pois esperam sempre uma resposta convencional. Quem dá uma solução criativa (divergente) para um problema normalmente fica como segunda opção, prevalecendo o autor da idéia convergente. Portanto a GG no processo educacional seria um início de mudança dessa mentalidade, valorizando todos os tipos de idéias e raciocínios de seus alunos, e proporcionando integração e cooperação entre eles.

V. A GINÁSTICA GERAL

A Ginástica Geral (GG) é uma atividade que, tendo como base as diversas modalidades gímnicas, promove a integração entre as pessoas, pois respeita as origens, crenças, habilidades e limites de cada indivíduo. Segundo Souza(1997), a GG começou a ser praticada de maneira mais sistematizada na Europa, por volta de 1950, quando aconteceu a primeira Gymnaestrada Mundial, por sugestão de Johannes Sommer, em reunião de cúpula da Federação Internacional de Ginástica (FIG); passou a ser reconhecida como modalidade no Brasil em 1984, com a criação de uma diretoria de Ginástica Geral pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).

A GG é representada mundialmente neste evento que acontece a cada quatro anos na Europa, chamado Gymnaestrada Mundial. Neste festival internacional, coordenado pela FIG, mais de vinte mil pessoas participam, delegações de diversos países se encontram, propiciando o intercâmbio de culturas e concepções sobre a GG. No ano passado, em julho de 2003, ocorreu a XII Gymnaestrada Mundial, sendo que o Brasil foi representado pelo Grupo Ginástico Unicamp e vários outros grupos de Ginástica Geral de diversas regiões do país integrando uma delegação de aproximadamente 350 pessoas. É, portanto, na Gymnaestrada, que grupos do mundo inteiro têm a mais importante oportunidade de mostrar suas idéias sobre GG.

1. CONCEPÇÕES

Segundo Souza (1997, p.35), a Federação Internacional de Ginástica (FIG)¹⁵, considera que a GG

“é a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona. Desenvolve a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo dessa forma para o bem-estar físico e psicológico dos seus praticantes. Oferece um vasto campo de atividades, respeitando as características, interesses e tradições de cada povo, expressados através da variedade e beleza do movimento corporal”.

Para a Confederação Brasileira de Ginástica(CBG)(2003)¹⁶, a GG é

“uma modalidade bastante abrangente que, fundamentada nas atividades ginásticas, valendo-se de vários tipos de manifestações, tais como danças, expressões folclóricas e jogos, expressos através de atividades livres e criativas, objetiva promover o lazer saudável, proporcionando bem-estar físico, psíquico e social aos praticantes, favorecendo a performance coletiva, respeitando as individualidades, em busca da auto-superação pessoal, sem qualquer tipo de limitação para sua prática, seja quanto às possibilidades de execução, sexo ou idade, ou ainda quanto à utilização de elementos materiais, musicais e coreográficos, havendo preocupação de apresentar neste contexto aspectos da cultura nacional, sem fins competitivos.”

¹⁵ Federação Internacional de Ginástica: <http://www.fig-gymnastics.com>

¹⁶ Confederação Brasileira de Ginástica: Definição de Ginástica Geral disponível no website <http://www.cbginastica.com.br>

A Ginástica Geral na concepção do Grupo Ginástico Unicamp é

“uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc.) de forma livre e criativa (grifo meu), de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes”. (Pérez Gallardo e Souza, 1995, p.292) citado por Souza, (1997, p.88).

2. CARACTERÍSTICAS

A Ginástica Geral tem diversas características, e a importância de cada uma delas varia de acordo com a concepção adotada por determinado grupo. As características mais importantes segundo a Federação Internacional de Ginástica, 2003 são:

2.1 Destinar-se a qualquer pessoa:

Qualquer pessoa pode participar de uma coreografia de GG. Distinções de etnia, sexo, idade, condição social não ocorrem, assim como casos de pessoas portadoras de necessidades especiais, que também podem participar da coreografia, promovendo desta forma a cooperação e o respeito à individualidade, habilidades e limitações de cada indivíduo.

2.2 Ausência de competição:

Esta é a característica mais representativa da GG. Justamente por ser uma modalidade demonstrativa é que ela proporciona a vivência de valores humanos, facilitando a participação da pessoa comum, sendo desta forma uma atividade inclusiva. Entretanto, é interessante ressaltar que tem havido recentemente uma movimentação para a adoção da competitividade na Ginástica Geral, sendo que isto já ocorreu em alguns eventos no Brasil e no exterior. A GG deve ser demonstrativa porque é justamente a ausência de competição que possibilita a ela ter tantos praticantes. É muito difícil imaginar, por exemplo, que um evento como a Gymnaestrada Mundial, que conta com cerca de 25.000 participantes em cada edição, teria tamanha abrangência caso se destinasse à performances competitivas. Além disso, os protocolos para julgamento e atribuição das notas seriam muito parciais, visto que a Ginástica Geral trabalha subjetivamente em relação à estética coreográfica. Este fator certamente limitaria a criatividade e a participação.

2.3 Permitir um número indefinido de participantes:

A GG tem dois tipos de coreografia em relação a grandeza: a de grande área (que pode contar com a participação de centenas e até milhares de pessoas) e a de pequena área. Por não ter uma forma convencional e rígida para ser praticada, a modalidade permite uma interminável variação das formas e números nas coreografias. A GG pode, inclusive, ter como base de uma coreografia, formações, movimentações e deslocamentos, que serão seu principal atrativo e enfoque, ao invés de priorizar materiais ou movimentos.

2.4 Não ter faixa etária definida:

Pessoas de qualquer idade podem fazer parte de uma coreografia de GG. É possível juntar pessoas com idades variadas numa mesma composição (por exemplo, crianças e

idosos, adolescentes e adultos). Portanto, a GG é importante no aspecto da inclusão social, pois valoriza a participação de pessoas de qualquer faixa etária, oportunizando principalmente aos idosos uma prática prazerosa.

2.5 Não exigir técnica de alto nível:

A não-competitividade da GG favorece a sua escolha como modalidade a ser praticada pelos mais diversos tipos de pessoas, desde ex-atletas que querem continuar a treinar com a menor cobrança do nível de desempenho até pessoas que nunca tiveram o hábito do esporte. Os praticantes da Ginástica Geral podem viver a experiência de serem valorizados por outros quesitos que não a técnica, como criatividade e entusiasmo. Tendo como exemplo uma coreografia do GGU chamada “Túnel”, que utiliza um túnel de tecido vermelho com aberturas, na qual a exigência técnica dos movimentos é muito simples, o resultado visual é muito interessante.

2.6 Proporcionar novas experiências motoras:

Sendo a GG uma modalidade que favorece o intercâmbio de costumes entre os povos, a oportunidade de experimentar elementos corporais característicos de um grupo social enriquece a bagagem motora e cultural de seus participantes. Isso acarreta na ampliação de possibilidades coreográficas e, conseqüentemente, da criatividade, pois há um aumento dos temas a serem explorados. Na concepção do Grupo Ginástico Unicamp, a GG atua como um meio de valorização do indivíduo quando este é incentivado a compartilhar suas experiências motoras anteriores com o restante do grupo. Os participantes não são valorizados somente pelo que conseguem fazer e aprender, mas também pelo que conseguem ensinar aos companheiros. Como integrante do GGU, vivencio esta característica quando, a cada treino, um participante é escolhido para dar o aquecimento da maneira que ele acha pertinente e interessante para o grupo, apresentando assim sua visão e conhecimento sobre o assunto.

2.7 Respeitar e valorizar a cultura popular:

O respeito ao próximo e à sua cultura são importantíssimos para a prática da GG. Estando esta baseada nas trocas culturais, a supremacia de um determinado modelo não deve acontecer, pois cada cultura tem a sua importância. Elementos culturais, como o folclore, estão muito presentes na Ginástica Geral, e podemos constatar isso nos festivais de GG, em que as coreografias com elementos folclóricos se destacam por estarem valorizando a cultura nacional. Ressalto porém, que não é necessário participar de um festival internacional para constatar essa troca de valores. Isso pode ser observado em festivais regionais ou nacionais, pois muitos grupos apresentam as coreografias com temas folclóricos de suas regiões.

2.8 Estimular o prazer da execução:

Sendo a GG, segundo a própria concepção da FIG citado por Souza(1997, p.35), “... a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona...” o indivíduo deve praticar a GG pelo prazer que ela oferece, sem nenhuma obrigatoriedade. No caso do GGU, o prazer ocorre pelo valor dado às experiências pessoais (pois todos os participantes são valorizados pelo que sabem), à criatividade dos integrantes (no grupo, todas as manifestações criativas são estimuladas e acolhidas e em sua maioria utilizadas nas coreografias), além da integração (ou seja, estimular e valorizar a amizade entre o grupo).

2.9 Promover a saúde:

Apesar da ênfase maior no caráter cooperativo e demonstrativo da GG, é importante lembrar que ela é uma forma de atividade física (ainda que não disseminada no Brasil), e que promove a saúde como outras modalidades esportivas. No Grupo Ginástico Unicamp, a melhora da condição física não é o objetivo fundamental, porém pela própria prática ela acontece naturalmente.

2.10 Integração e convivência entre as pessoas:

A GG promove a um só tempo a integração das pessoas de um mesmo grupo e entre grupos, resultando numa troca de conhecimentos e experiências de pessoas com personalidades e convicções filosóficas diferentes. Na concepção do GGU, a Ginástica Geral também deve ser um espaço de discussão entre as pessoas, estimulando a coesão grupal, em que as questões devem ser discutidas e solucionadas através do diálogo entre seus integrantes, não restringindo as decisões ao coordenador.

2.11 Estimular a criatividade:

A Ginástica Geral possibilita um número ilimitado de construções de coreografia. Isso se deve à grande variedade existente para cada item da composição, como por exemplo, o material, o tema, a variação de movimentos e formações coreográficas, o vestuário, a música, a interação com os espectadores, o número de participantes, etc. Em alguns casos, a coreografia é montada somente pelo coordenador do grupo, havendo então uma diminuição considerável das possibilidades criativas. No caso do GGU, a criatividade é sempre estimulada, pois o processo de exploração e criação é coletivo, gerando uma riqueza infinita de possibilidades na elaboração da coreografia. Os elementos característicos da GG, trabalhados numa metodologia que incentive a criatividade, podem resultar em idéias inovadoras fabulosas.

Em aulas cujo conteúdo seja a GG e não haja a necessidade de criação de coreografia para demonstração, é possível que a aula se mantenha bastante diversificada. Isto pode acontecer pelo fato de não ser necessária lapidação de um produto final (lembrando do quesito solução elegante na análise do produto criativo). No entanto, é importante ressaltar que a eventual ausência de demonstração não deve resultar num descomprometimento dos participantes, mas sim uma preocupação estética menos intensa.

De uma maneira geral, é possível compreender a GG como um fenômeno gímnico de múltiplas possibilidades. Suas características lúdicas e inclusivas possibilitam a qualquer pessoa a prática da GG, de maneira a salientar a importância de uma atividade respeitadora das diferenças e limitações do ser humano. Sendo, segundo a CBG(2003), uma ginástica orientada para o lazer e a participação, a GG tem o privilégio de receber qualquer praticante, respeitando a cultura corporal existente e possibilitando a ampliação do repertório motor, da interação social e dos valores humanos de cada participante.

VI. O GRUPO GINÁSTICO UNICAMP – GGU



Figura 1 - Logotipo do Grupo Ginástico Unicamp¹⁷

1. INTRODUÇÃO

O GGU é o grupo de Ginástica Geral da Unicamp, que em setembro de 2004 completará 15 anos de existência e é composto por alunos e ex-alunos da Faculdade de Educação Física (FEF), além de estudantes e profissionais de outras áreas, servindo como laboratório para as pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF-Unicamp.

2. HISTÓRICO

Segundo Souza(1997), o grupo foi formado em 1989 pelas professoras Elizabeth Paoliello Machado de Souza e Vilma Leni Nista Picollo com o objetivo de participar da VI Gimnasiada Americana. Para isso, as coordenadoras convidaram 18 moças, ex-bailarinas e ginastas, compondo uma coreografia chamada Guaicá, que integrava Ginástica Artística, Rítmica e Dança a ritmos brasileiros, tendo sido indicada como melhor coreografia do evento pela FIEP (Federação Internacional de Educação Física). No ano seguinte, o GGU passou a ser composto também por rapazes, e, ao participar da VII Gimnasiada Americana, foi convidado pela CBG a representar o Brasil na Noite de Gala na IX Gymnaestrada Mundial em Amsterdã, no ano de 1991.

A partir de 1992, com a entrada do professor Jorge Perez Gallardo na coordenação do GGU, juntamente com Elizabeth Paoliello, o caráter pedagógico do grupo foi valorizado, e através de palestras, apresentações e workshops, em escala regional, nacional e internacional, tem sido divulgada a proposta da Ginástica Geral do GGU como atividade física não-competitiva no âmbito escolar e comunitário.

3. A PROPOSTA DE GINÁSTICA GERAL DO GGU

De acordo com Souza(1997), O GGU concebe a Ginástica Geral como um meio de interação social que ocorre através da utilização de manifestações da cultura corporal, como Ginásticas, Danças, Jogos, Circo, Lutas, Esportes, Experiências Pessoais e elementos das Artes Cênicas, Musicais e Plásticas.

A abordagem Sócio-Cultural adotada pelo GGU considera o homem como produtor e parte da cultura, integrado ao meio e à sociedade, ocasionando e sofrendo modificações e respeitando a individualidade.

¹⁷ Logotipo do Grupo Ginástico Unicamp. Retirado de Souza (1997, p. 70).

Considerando cultura corporal como “... todos os produtos culturais que fazem parte do cotidiano dos indivíduos e que tenham relação com a Educação Física e cuja manifestação ocorra por meio da expressão corporal” (Souza, 1997, p.81), o GGU segue a idéia de que um importante papel da Educação Física é oferecer ao indivíduo autonomia corporal e pessoal, através do estímulo e valorização das diferentes culturas corporais.

Assim, para Souza(1997), a proposta adotada pelo GGU promove a formação humana por meio da capacitação, que “tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que queira vivenciar” (Maturana e De Rezepka¹⁸ citados por Souza, 1997, p.84), ou seja, autonomia corporal; já a formação humana “tem a ver com o desenvolvimento do menino ou menina como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável” (Maturana e De Rezepka¹⁹ citados por Souza, 1997, p. 4), portanto a formação pessoal.

4. METODOLOGIA DO GRUPO GINÁSTICO UNICAMP

Segundo Souza, (1997, p.91), o GGU tem como metodologia “...trabalho grupal, onde cada um dos participantes contribue com as experiências e habilidades que melhor domina e que podem ser úteis para o trabalho do grupo”, podendo “...ser dividida em duas partes: uma destinada ao aumento da interação social e à vivência e exploração de inúmeras possibilidades de movimento e a outra direcionada para a utilização e exploração dos recursos que o material proporciona.”

4.1 Primeiro momento: aumento da interação social e vivência de diferentes formas de movimento; se desenvolve em três fases:

- Aperfeiçoamento das habilidades de cada participante, havendo uma triagem e escolha dos elementos possíveis de serem compartilhados, para que haja “...uma linguagem comum de movimentos”(Souza, 1997, p.91);
- Difusão e partilha de conhecimentos corporais entre os integrantes, começando por duplas e então grupos com maior número de participantes;
- Exploração de formações coreográficas, ou seja, disposição dos indivíduos no espaço. Diversas formações são experimentadas até se encontrar as mais adequadas para o grupo em determinado contexto.

4.2 Segundo momento: exploração dos recursos materiais:

- Exploração do uso convencional do aparelho;
- Exploração do aparelho convencional para outro contexto esportivo;
- Exploração do aparelho para Artes Cênicas e Plásticas;
- Exploração não convencional do aparelho tradicional;
- Exploração do aparelho alternativo.

¹⁸ Maturana, H. e De Rezepka, S.N. *Formacion Humana y capacitacion*. Santiago: Dólmén, 1995

¹⁹ Maturana, H. e De Rezepka, S.N., op. cit.

5. O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

O processo de composição coreográfica abrange alguns aspectos essenciais, como a escolha e exploração do material, as formações, a música e o vestuário. É pertinente lembrar que a composição da coreografia acontece depois de experimentadas diversas possibilidades corporais (com e sem aparelhos), musicais e de formações. Em julho de 2003, na XII Gymnaestrada Mundial em Lisboa, o GGU levou uma coreografia de 15 minutos (3 coreografias de 4 minutos integradas por participantes em pernas-de-pau) com alguns aparelhos, como galões de água- “Águas”, flutuadores de piscina- “Na Batida do Maracatu” e pára-quedas- “Giramundo”.

5.1 Escolha do material

O aparelho pode ser escolhido pelos participantes ou pelos coordenadores do grupo, sendo que em ambas as possibilidades, a predisposição ao novo e à criatividade deve prevalecer. Os materiais podem ser de pequeno porte (que possibilita uso individual) ou grande porte (que propicia a utilização coletiva), provenientes na natureza (como bambus) ou fabricação humana (como jornais). A utilização de materiais alternativos, como chocalhos, flutuadores de piscina (macarrões), galões de água, bambus e pára-quedas, entre outros, faz parte da tradição do Grupo Ginástico Unicamp, assim como o uso de aparelhos tradicionais das ginásticas de uma maneira não convencional. A característica “adaptação à realidade”, do produto criativo, acontece neste momento. É a utilização diferenciada e criativa de um material proveniente da natureza ou da fabricação humana.

5.2 Exploração do aparelho

Segundo Souza(1997), A exploração do aparelho se divide em vários momentos:

- *Exploração livre:*

Nesta fase da exploração, o participante deve conhecer o material, testar suas possibilidades de utilização de maneira livre, sem nenhum tipo de censura ou direcionamento quanto às suas descobertas. É neste momento que maioria das criações individuais ocorre, pois a pessoa tem sua atenção voltada exclusivamente para si e o aparelho. No processo exploratório do galão, que originou a coreografia Águas, alguns experimentos foram marcantes: lançamentos e rolamentos utilizando o material, o som provocado por batidas do galão no chão e no corpo.

- *Relação numérica aparelho-indivíduo:*

É a diversificação entre número de integrantes e materiais. Trata-se de um momento de exploração em dupla, trio e outros grupos, ocorrendo tanto a experiência de movimento de um aparelho/indivíduo quanto vários aparelhos/indivíduo ou vários indivíduos/aparelho, portanto o movimento passa a ser criado e executado coletivamente. No caso do pára-quedas, a relação vários aparelhos/indivíduo não se sucedeu, pois era um material de grande porte, sendo que sua utilização se deu sempre de maneira grupal, enquanto que com os galões todas estas possibilidades foram vivenciadas e utilizadas na coreografia.

- *Exploração com conteúdos da expressão corporal:*

Nesta fase exploratória, o material é relacionado a conteúdos da expressão corporal (como Ginásticas, Danças, Lutas, Circo, Artes Plásticas, Cênicas, Musicais etc.), ou seja, a relação ginasta/aparelho acontece, direcionando a exploração para determinada manifestação expressiva. Como consequência, a coreografia começa a tomar corpo, pois se

inicia o processo de tematização da mesma. A partir dessa tematização coreográfica e da relação do material com os conteúdos da expressão corporal é que o grupo começa a definir a estrutura de coreografia a ser criada.

5.3 Formações

A partir da escolha dos movimentos criados, a coreografia passa a ser estruturada espacialmente, ou seja, as formações coreográficas começam, em conjunto, a ser sugeridas, estudadas e executadas. Neste sentido, o GGU procura sempre inovar, reconstruindo modelos tradicionais e transformando-os em originais pela própria configuração e também pelos movimentos. Na coreografia Águas, as ginastas passam por diversas formações (em filas, cardume/ajuntamento, “V”, meio-círculo) que se tornam singulares ao serem combinadas com os movimentos selecionados. Já na coreografia Giramundo, o pára-quedas é utilizado concomitantemente como espaço e material, pois várias passagens são executadas sob e sobre ele, que assume durante a coreografia diversas formas, como prato, tenda, cogumelo, saia e muro.

A dimensão do aparelho pode, eventualmente, direcionar as formações coreográficas, pois normalmente os materiais de grande e pequeno porte têm características distintas quanto à disposição no espaço: o primeiro pode induzir a uma menor variedade de configurações, embora ao fazer parte do cenário possibilite tantos movimentos quanto os materiais de pequeno porte, enquanto que estes propiciam grande multiplicidade de formações e movimentos, podendo também fazer parte do cenário.

A utilização do espaço também deve ser estudada quando o grupo entra e sai de cena. Maneiras originais de entradas e saídas são imensamente valorizadas pois quebram o padrão. Se o espaço possibilitar, os ginastas podem chegar e sair de modos variados, como por exemplo pelo teto, através de cordas e tecidos; pelo meio do público; utilizando pernas-de-pau etc. É importante que o grupo compreenda a entrada e saída de cena como fundamental para a coreografia, pois se trata de um importante aspecto de novidade para o público.

5.4 Música

A escolha musical não tem um parâmetro pré-determinado. O Grupo Ginástico Unicamp valoriza a música que favorece o desenvolvimento do tema da coreografia e a expressão corporal, facilitando o processo da composição coreográfica. A música é selecionada a partir das possibilidades de movimento que aquele aparelho oferece, do tema escolhido, da intenção da coreografia e a partir dessa seleção, os movimentos e formações são organizados e inseridos na estrutura básica da coreografia.

O GGU escolhe para suas coreografias músicas instrumentais ou às vezes músicas letradas de qualidade, que expressem um caráter artístico, sensível e de bom gosto. Tanto as músicas instrumentais quanto as cantadas podem ser associadas a outras ou a sons, criando uma diversidade rítmica e sonora muito interessante para trabalhar a Ginástica Geral.

Compreendendo então a proposta metodológica do GGU, é possível reconhecê-la como incentivadora da criatividade nos seus diversos aspectos. Desde a partilha de conhecimento entre todos seus integrantes (inclusive coordenadores) até o processo de exploração pré-coreográfico, a criatividade se faz presente ao possibilitar que cada participante tenha seu olhar sobre este intenso processo.

Dessa maneira, a GG acontece com significado e formação de valores humanos, evitando, segundo Ayoub(2003, p.70), que esta prática seja compreendida “...apenas como um produto, desconectada de um processo”.

VII. METODOLOGIA DA PESQUISA

1. METODOLOGIA

1.1. Pesquisa bibliográfica sobre a Criatividade, a Ginástica Geral e o Grupo Ginástico Unicamp para caracterização dos processos de criação.

1.2. Pesquisa descritiva com análise de vídeos das coreografias do Grupo Ginástico Unicamp, para verificação das características da Ginástica Geral estimuladas pela metodologia de trabalho do GGU.

1.3. Estabelecimento da relação entre a criatividade e as coreografias de Ginástica Geral do GGU.

2. ANÁLISE DE COREOGRAFIAS DO GGU

Foram selecionadas cinco coreografias do GGU: Túnel, Águas, Giramundo, Na Batida do Maracatu e Plano, a fim de serem analisadas nos seus aspectos criativos com relação aos seguintes quesitos:

2.1 Utilização de materiais alternativos;

2.2 Uso criativo do material convencional ou alternativo;

2.3 Formações coreográficas;

2.4 Música;

2.5 Número de participantes;

2.6 Incorporação da cultura popular.

Estes quesitos são alguns aspectos criativos da Ginástica Geral na concepção do GGU. Estas coreografias foram escolhidas devido à participação da autora na sua criação e/ou apresentação, tendo possibilidade, pela própria vivência, de ampliar os recursos de análise.

Não foi encontrado, na ocasião da redação deste trabalho, nenhum protocolo adequado para análise de coreografias de Ginástica Geral em relação a seus aspectos criativos. Sendo assim, este foi criado pela autora para atender a essa necessidade.

2.1 Utilização de materiais alternativos:

Neste quesito há análise sobre a utilização de materiais alternativos. Portanto, os materiais serão classificados em tradicionais da Ginástica e alternativos (estes, naturais ou fabricados).

2.2 Uso criativo do material convencional ou alternativo:

Os materiais utilizados podem ser convencionais provenientes da Ginástica ou "...adaptados da natureza ou da fabricação humana"(Souza, 1997, P.90). A análise feita neste quesito é relacionada ao **uso criativo dos materiais, sejam eles convencionais ou alternativos.**

Exemplificando, um aparelho convencional da Ginástica, cavalo com alças, pode ser utilizado como moldura ou barra fixa. No caso do aparelho alternativo, baldes que podem ser utilizados como chapéus. Portanto, para atender a este quesito, o material deve ter uso diferente ao qual ele se destina tradicionalmente.

2.3 Formações coreográficas:

Neste quesito, as formações coreográficas são analisadas, levando em consideração a variedade e criatividade das mesmas, inclusive com a combinação de várias formações simultaneamente. Em relação à coreografia com materiais de grande porte, as formações também são analisadas, porém atentando para a particularidade da possibilidade do uso do aparelho como cenário.

2.4 Música;

As músicas utilizadas nas coreografias podem ter variações infinitas. Em relação à escolha da música propriamente dita, esta deve ser especial, diferenciada e de qualidade. Há também a possibilidade de tornar a mesma mais criativa associando outras frases musicais ou sons.

2.5 Número de participantes;

A variação do número de indivíduos de acordo com a possibilidade do material, dos movimentos e das formações, enfim, da estrutura da coreografia, será analisada neste item. Exemplificando, para aparelhos individuais, é possível haver uma grande variação do número de participantes, aumentando a quantidade de aparelhos também. Já quanto aos aparelhos de grande porte, a variação significativa do número de indivíduos pode ocorrer menos frequentemente, visto que há limitação material e espacial.

2.6 Incorporação da cultura popular.

A incorporação da cultura popular deve ser estimulada na coreografia, visto que é considerada uma das características mais importantes da GG. No entanto, a ausência da cultura popular pode ser compreendida em determinados contextos coreográficos específicos que contem com outros elementos que não o folclórico ou popular. É relevante lembrar que, mesmo não havendo na coreografia elementos explícitos da cultura popular, os mesmos existem de maneira implícita e interiorizada, pois como já disse Chauí(2000), somos seres culturais.

VIII. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, a análise e discussão dos dados será feita por coreografia, de modo a facilitar o entendimento e compreensão desta análise.

COREOGRAFIAS CARACTERÍSTICAS	NA BATIDA DO MARACATU	TUNEL	GIRA MUNDO	ÁGUAS	PLANO
Utilização de materiais alternativos	√	√	√	√	
Uso criativo do material	√	√	√	√	√
Formações coreográficas	√		√	√	√
Música	√	√	√	√	√
Número de participantes	√		√	√	√
Incorporação da cultura popular	√		√		

Tabela1 – Características presentes nas coreografias.

1. “NA BATIDA DO MARACATU”

1.1 Uso de materiais alternativos: executada com flutuadores de piscina (macarrões).

1.2 Uso criativo do material: instrumento sonoro (fricção) e aparelho ginástico portátil.

1.3 Formações coreográficas: desenhos, como triângulos, círculos, cardume e retas.

1.4 Música: maracatu, ritmo popular no Brasil, com forte pulso musical.

1.5 Número de participantes: o número atual de integrantes é de 14 pessoas, havendo, portanto a mesma quantia de flutuadores.

1.6 Incorporação da cultura popular: o tema da coreografia é maracatu, e assim como a música, há diversos movimentos característicos dessa manifestação.

A coreografia não é de grande dificuldade técnica, porém se constitui de movimentos bem marcados e vigorosos, enérgicos, sendo que a maioria deles é feita com os flutuadores, que são de diversas cores, nos braços e tronco, enquanto a roupa dos ginastas é de uma mesma cor, proporcionando um belo efeito visual.

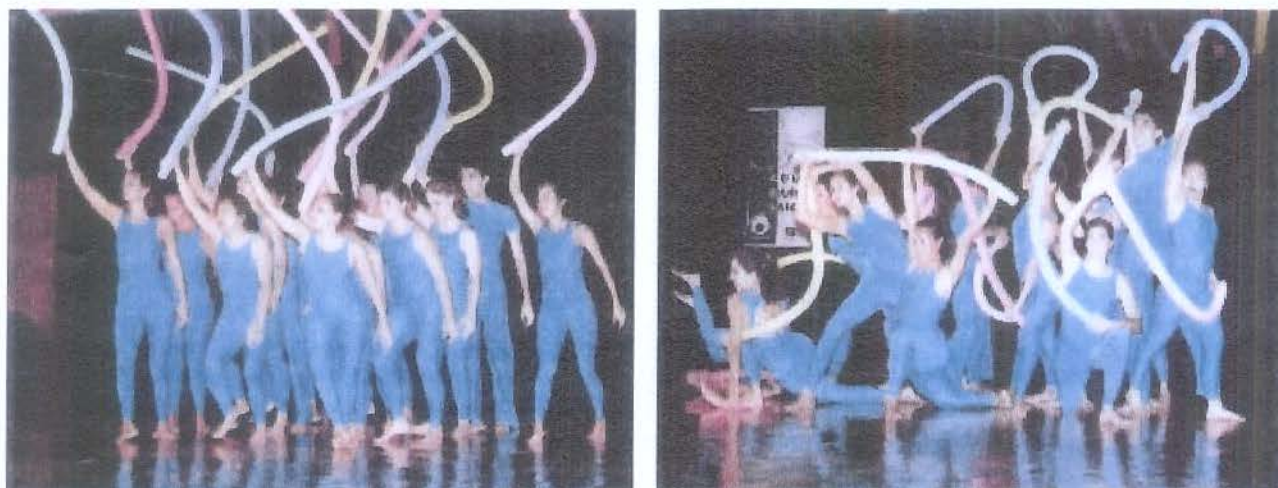


Figura 2 – Grupo Ginástico Unicamp – Na Batida do Maracatu

2. “TÚNEL”

2.1 Uso de materiais alternativos: foi criado especificamente para a coreografia. É um tubo de tecido de lycra vermelho com cerca de 10 metros de comprimento. Tem dez aberturas onde as dez ginastas colocam seus pés, mãos e cabeça;

2.2 Uso criativo do material: na coreografia o tubo funciona como minhoca, saia, casulo entre outras possibilidades.

2.3 Formações coreográficas: as formações são limitadas, pois se trata de um aparelho de grande porte com espaços específicos para as participantes.

2.4 Música: a música tem um ritmo bem marcado, com uma certa comicidade.

2.5 Número de participantes: oito ou dez participantes.

2.6 Incorporação da cultura popular: não há nesta coreografia elemento representativo da cultura popular.

Nesta coreografia, as ginastas realizam o mesmo movimento, juntas, “brincam” com o público, que é instigado a imaginar como é estar dentro do túnel e também que acontecerá em seguida, que parte do corpo irá aparecer. Os movimentos são simples, porém de grande efeito visual, brincando de esconde-esconde com o público.



Figura 3- Grupo Ginástico Unicamp- Túnel

3. “GIRAMUNDO”

3.1Uso de materiais alternativos: é feita com um pára-quedas circular de 7 metros de diâmetro de diversas cores.

3.2Uso criativo do material: é utilizado como saia, cogumelo, tenda, prato, muro entre outras possibilidades.

3.3Formações coreográficas: não há grande variedade de formações coreográficas, porém, como cenário, o aparelho é usado de diversas maneiras.

3.4Música: a música desta coreografia é um misto de forró e baião

3.5Número de participantes: o número de participantes varia de acordo com as possibilidades do material, sendo que esta coreografia já foi apresentada com variação de 8 a 16 pessoas.

3.6Incorporação da cultura popular: além da música, há a representação teatral de mamulengos e forró, representando a cultura popular do nordeste do país.

Alguns movimentos exigem um pouco de técnica ginástica, mas não são feitos por todos os integrantes. É uma coreografia alegre, que expressa a jovialidade nacional com elementos da cultura popular, como o forró e os mamulengos (bonecos tradicionais do norte e nordeste).



Figura 4 – Grupo Ginástico Unicamp – Giramundo

4. “ÁGUAS”

4.1Uso de materiais alternativos: a coreografia é feita com galões plásticos de água de 20 litros

4.2Uso criativo do material: são utilizados de diversas maneiras, como tambores, apoios para elementos ginásticos, rolamentos e torres.

4.3Formações coreográficas: as formações são diversificadas, passando por “V”, pequenos grupos, meio círculo, cardume e retas, entre outros.

4.4Música: A musica é associada com barulho de água corrente no início e no final, sendo que o pulso musical alterna entre forte e suave.

4.5Número de participantes: O número de participantes desta coreografia pode variar de acordo com a quantidade de galões, sendo que a proporção é de um aparelho para cada ginasta.

4.6Incorporação da cultura popular: Não há elementos representativos da cultura popular nesta coreografia.

A coreografia tem poucos elementos de dificuldade técnica, porém feitos apenas por algumas participantes. Devido à peculiaridade do pulso musical, em diversos momentos o gesto é feito de acordo com a melodia, resultando numa coreografia de movimentações e formações complexas, com gestos vigorosos e graciosos.



Figura 5 – Grupo Ginástico Unicamp - Águas

5. “PLANO”

5.1Uso de materiais alternativos: a coreografia é realizada com um plano inclinado próprio para treinamento de Ginástica Artística, portanto não há uso de material alternativo.

5.2Uso criativo do material: o plano inclinado é utilizado como rampa, muro, janela entre outras possibilidades.

5.3Formações coreográficas: não há grande variedade de formações coreográficas, porém, como cenário, o aparelho é usado de diversas maneiras.

5.4Música: é uma música rápida, de pulso forte e bem marcado.

5.5Número de participantes: não há número de participantes definido, pois os mesmos se revezam na exibição ao público e na movimentação do aparelho.

4.6Incorporação da cultura popular: não há elementos representativos da cultura popular, mas sim da vida cotidiana.

Na época da criação desta coreografia, tínhamos como objetivo realizar uma coreografia de GG com um aparelho convencional da Ginástica. Tivemos o momento de exploração das possibilidades do plano inclinado e então re-significamos o mesmo para transformá-lo num aparelho de GG. Nessa coreografia também eram utilizados dois cavalos sem alças como aparelhos acessórios.

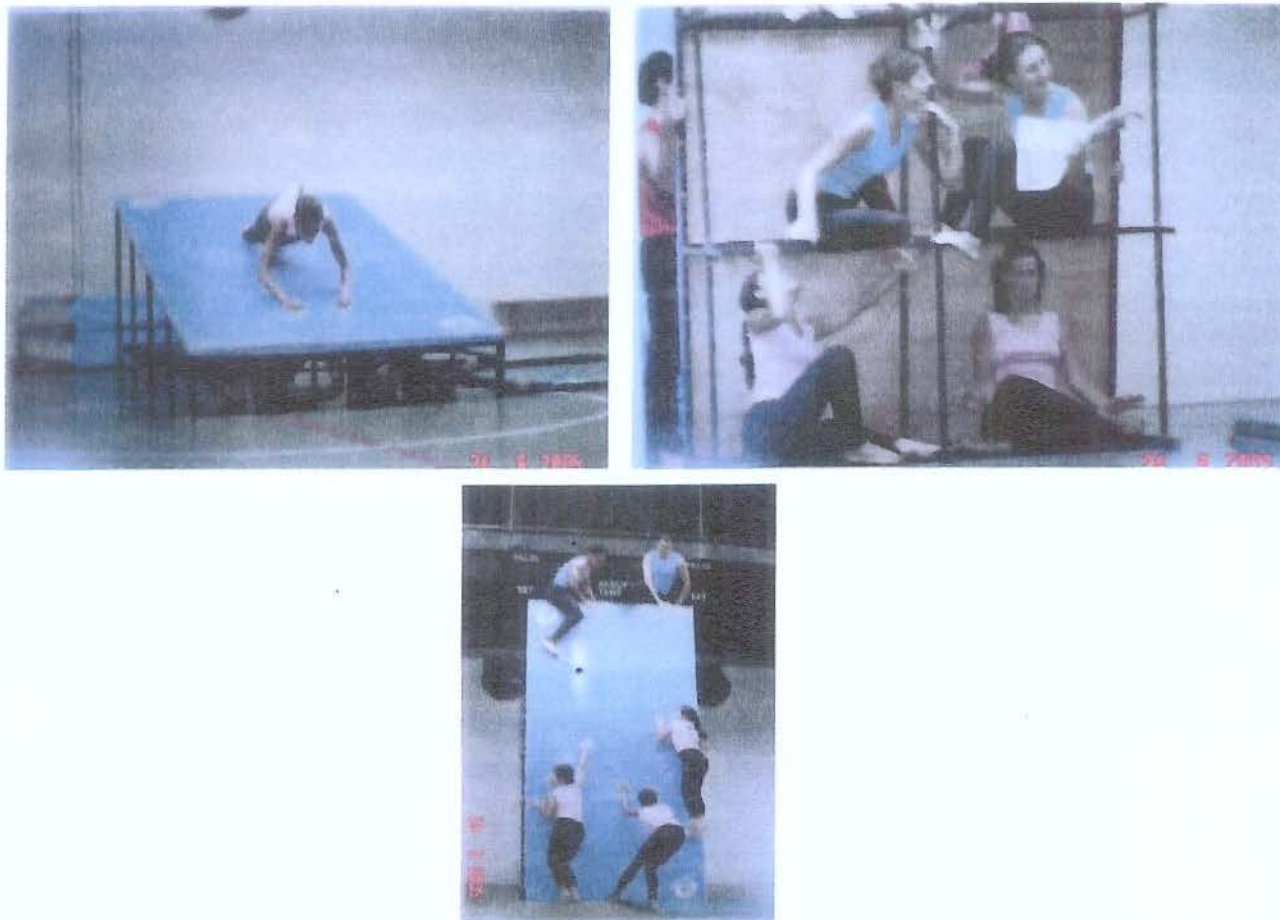


Figura 6 – Grupo Ginástico Unicamp- Plano

IX. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela concepção do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), a Ginástica Geral (GG) é uma prática imbuída de criatividade nos seus vários aspectos, sendo esta verificada durante o processo criativo e no produto final. Ela se manifesta por meio dos materiais, da música, das formações, dos movimentos etc.

A criatividade acaba se tornando então um dos pontos principais da Ginástica Geral, pois as poucas regras da GG favorecem uma grande variedade de possibilidades em todos os seus aspectos. A metodologia de exploração utilizada pelo GGU confere à criatividade uma importância genuína que é estimulada e abraçada, valorizando cada membro do grupo de maneira singular, pela sua inventividade, participação e dedicação. Os praticantes da Ginástica Geral devem ter o olhar sempre aberto às novas experiências, através da observação de elementos, ginásticos ou não, que possam ser re-significados na GG.

Assim como o GGU, muitos grupos que não tem alto nível técnico acabam encontrando na riqueza de possibilidades que a criatividade oferece o principal atrativo para esta prática, demonstrando que a ginástica não é vivenciada somente por pessoas com alto nível técnico, mas também por participantes criativos e satisfeitos com a GG, prática prazerosa em que o estímulo à criatividade é um dos pontos fortes.

Neste contexto, a GG pode ser praticada em ambientes de educação formal, não formal e informal, visto que seu caráter inclusivo valoriza e possibilita a participação dos mais diversos tipos de pessoa. As principais características da GG (destinar-se a qualquer pessoa, ausência de competição, número indefinido de participantes, não exigir técnica de alto nível, respeitar e valorizar a cultura popular, incentivar a criatividade etc.) acabam funcionando como um atrativo a mais pra que os profissionais de Educação Física(EF) passem a adotar metodologias mais inclusivas e incentivadoras da criatividade para trabalhar com seus alunos, contemplando e confirmando a EF como um importante elemento no processo pedagógico de diversos tipos de educação.

X. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chauí, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

Confederação Brasileira de Ginástica (CBG)
<http://www.cbginastica.com.br> 2003.

Coreografias de Ginástica Geral. Produzido pelo Grupo Ginástico Unicamp. Unicamp: Campinas. 2 fitas de vídeo, VHS, colorido, son.

Federação Internacional de Ginástica (FIG)
<http://www.fig-gymnastics.com> 2003.

Feitosa, V. C. *Redação de textos científicos*. 2º ed. Campinas: Papirus Editora. 1995.

Gardner, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994

Holanda, A. B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Kneller, G.F. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: Ibrasa, 1978.

May, R. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Miotto, G.M.S. *Linguagem corporal da expressão da criatividade e seu (des)envolvimento na Educação Física*. 1991. 98 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

Novaes, M.H. *Psicologia da Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1971.

Rogers, C. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

Skinner, B.F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Editora Cultura, 1974

Soares, C.F. *O estímulo da criatividade através da Ginástica Geral: a relevância da metodologia*. 1996. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

Souza, E.P.M. *Ginástica Geral: Uma área de conhecimento da Educação Física*. 1997. 163p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

Taffarel, C.N.Z. *Criatividade nas aulas de Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

Toledo, E. de. *A Ginástica Geral como uma possibilidade de ensino da Ginástica nas aulas de Educação Física*. 1995. 51p. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

Traldi, M.C. e Dias, R. *Monografia passo a passo*. Campinas: Editora Alínea, 2001.

Wechsler, S.M. *Criatividade: Descobrindo e encorajando*. Campinas: Editorial Psy, 1993.

Xavier, T.P. *Interação da inteligência corporal cinestésica com a criatividade: uma abordagem no desempenho de tarefas motoras*. 1998. 201p. Tese de Doutorado. Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1998.